

O EXISTENCIALISMO SARTRIANO E O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA

MATHEUS SAALFELD BARTZ¹; KEBERSON BRESOLIN²

¹Universidade Federal de Pelotas - matheusbartz@live.com

²Universidade Federal de Pelotas - keberson.bresolin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A teoria existencialista de Jean-Paul Sartre (1905-1980), especificamente em sua obra *O existencialismo* é um humanismo, baseia-se de que a existência precede a essência, ou seja, o homem é definidor de seu papel no mundo, ao invés do próprio mundo ser definidor do papel do homem. O ser humano é criador do seu destino, descolando-se do restante da natureza e demais coisas que não sejam o próprio homem, no qual as coisas e seres já surgem com um propósito anterior a eles e nada podem fazer para mudá-lo. Essa liberdade torna o ser humano extremamente responsável por suas decisões, pois não há nada que determine ou possa embasar a sua ação, a não ser ele próprio. O homem, ao definir o seu critério para agir, está definindo esse critério como bom para si e concomitantemente à todos os demais indivíduos. Esses juízos de valor acabam refletindo em toda a sociedade, pois o que escolhemos como certo para nós, acreditamos ser o certo ou errado para a humanidade com um todo. Essa responsabilidade o leva ao sentimento de angústia¹, já que acaba tornando-o demasiadamente responsável por todos, além de torná-lo sozinho em qualquer decisão.

O agente tem a capacidade de interpretar qualquer situação independentemente, ele próprio dá sentido à todos os fatos no mundo, valora-os e decide entre diversos tipos de ação.

Para o filósofo, a inexistência de Deus ou mesmo a sua existência, nada interfere na vida humana, situação esta que acaba por nos desamparar e angustiar, nos tornando livres, mas obrigados a tomar decisões, vale dizer, o homem é livre na decisão, no entanto não é livre para não decidir, conceito esse extremamente importante para o existencialismo sartriano.

Essa liberdade necessita de valores a priori e que estes valores sejam realmente sinceros, já que com a eliminação de Deus do âmbito moral, tudo é permitido, não há uma fundação para justificar nossos atos morais e nem desculpas às nossas ações e dogmas. O existencialismo torna o próprio homem, o centro de suas decisões. Nem mesmo o apelo a conselhos e ajudas externas escapam a nossa decisão, tendo em vista que, ao escolhermos determinado conselheiro, já sabemos previamente que tipo de conselho receberemos e quais tipos de ações este nos recomendará. O mundo é cheio de significados, códigos e sinais, entretanto, toda interpretação é exclusivamente humana e subjetiva; o sentido do mundo não está no universo, o sentido do universo somos nós quem determinamos.

Sartre defende a necessidade que temos em por nossa vontade no mundo e não aguardar que o mundo se adeque às nossas vontades. A crítica do quietismo é refutada pelo pensador, pois para ele, o existencialismo nos torna

¹ A angústia, para Sartre, é a ausência total de qualquer justificação anterior ao indivíduo e, ao mesmo tempo, a responsabilidade em relação à todos, levando-o também à um desespero e desamparo.

unicamente responsáveis por ser quem nós somos. O covarde é responsável por sua covardia, assim como o herói é responsável por seu heroísmo, o sentido da vida se dá na ação e não em atributos metafísicos, biológicos ou sociais. Nessa percepção, o filósofo acaba se diferenciando do materialismo marxista, incluindo aí um subjetivismo e negando as características semelhantes do homem a um objeto, como produto de uma série de condições e ações que o antecedem. Há sim uma liberdade total, mas essa liberdade é situada no tempo e na sociedade em que está inserido o homem, a liberdade é histórica.

Uma natureza humana é negada por Sartre e, em seu lugar, sobrepõe-se uma condição humana, tendo em vista que esta é possível e não é fundamentada em princípios a priori, uma vez que estamos nesse mundo, trabalhamos, convivemos com outras pessoas e somos mortais. Direcionando-nos à uma universalidade humana, onde todo homem é capaz de reconhecer o outro, independente de época ou condição, todos somos capazes de nos identificar no outro. O pensador entende e reconhece uma influência biológica, social e histórica, mas não atribui à elas uma espécie de determinismo ou inatismo fortes. Nada pode salvar o homem de si mesmo, exceto ele próprio.

Tendo em vista esses principais conceitos existencialistas, visa-se aqui, buscar as implicações às escolas e aos professores, principalmente àquelas em que há ensino de Filosofia. Vale ressaltar que Sartre não escreve seu livro, *O existencialismo é um humanismo*, focando nas questões pedagógicas e docentes, mas certamente há implicações na Educação e à condição de docente.

2. METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se principalmente em uma revisão bibliográfica, em especial, de Jean-Paul Sartre como principal autor e de sua obra *O existencialismo é um humanismo*, e em análises de alguns comentadores desta mesma obra, Thomas Ransom Giles e Marilena Chaui.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trazer o existencialismo à prática docente, especificamente ao cotidiano do professor de Filosofia, podemos inferir que ele não deva ser visto e nem se assemelhar a um tutor intelectual e/ou moral, primeiramente, em razão de sua própria existência subjetiva e de sua própria condição de agente determinante da sua condição, mas que ele possibilite o alargamento de pensamento do discente, lhe possibilite conhecer o problema de sua existência estar baseada na liberdade e na angústia que tal concepção pode lhes proporcionar, para que os estudantes se tornem pensadores e atores mais independentes, conscientes e críticos do meio em que vivem. A aula de Filosofia parece um local propício para despertar a necessidade de justificar seus atos morais e políticos nos discentes.

4. CONCLUSÕES

Numa sociedade como a nossa, em que "terceirizamos" a culpa e os problemas cotidianos, o pensamento existencialista de Sartre parece nos propor um outro viés, onde nós mesmos somos os responsáveis por tudo o que está acontecendo. Atribuir tudo aquilo que está fora de nós como responsabilidade dos pais, dos políticos ou de Deus parece ser a saída mais fácil, mas equivocada ao ponto de vista sartriano. Ao tratar do existencialismo sartriano em escolas de

ensino médio, procura-se conscientizar e refletir sobre o papel do indivíduo na sua própria vida, na sociedade e no mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

GILES, Thomas Ransom. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Apresentação e notas Arlette Elkaim-Sartre; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

VÁRIOS COLABORADORES. **O Livro da Filosofia**. Tradução Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.